



ID: 58804273

14-04-2015

Quatro anos de troika, um país adiado



Sebastião Foyo de Azevedo
Prof. catedrático, reitor da Univ.do Porto

I Estão a cumprir-se quatro anos da data em que o primeiro-ministro José Sócrates anunciou que o Governo dirigira um pedido de assistência financeira à Comissão Europeia para garantir condições de financiamento a Portugal e ao seu sistema financeiro. Um pretexto importante para uma reflexão sobre um ciclo de vida que nos magoou muito material e espiritual-

mente, o preço que estamos a pagar de uma incapacidade governativa prolongada em alterar aspetos vitais de estrutura e de cultura da nossa sociedade que limitam a nossa capacidade interna de desenvolvimento e a nossa competitividade no Mundo global e aberto de hoje.

As janelas de oportunidade que se abriram com esta crise para se fazerem as reformas, as tais reformas estruturais de que se fala há tantos anos, essenciais para nos colocarmos no carril certo do futuro, não foram devidamente aproveitadas, ou não tiveram o sucesso desejado.

Na realidade, mantemos uma incapacidade de convergência para as trajetórias de crescimento do grupo de referência europeu, tal como praticamente todos os indi-



A chave do futuro reside na evolução cultural e organizacional em todas as suas dimensões. Saibamos antecipar esse futuro. Tenhamos a capacidade de ousar a mudança

cadores do Eurostat o evidenciam. Factualmente, cerca de 30 anos após a adesão, estamos ainda longe da integração europeia plena.

Acresce a este panorama que o país político parece apostado em transmitir ao povo, sob várias formas, uma imagem de país adiado, face à proximidade das eleições legislativas e na intempestiva discussão sobre as eleições presidenciais, desligada do país real, que acaba de ser aberta.

— 2. Neste quadro e conjuntura muito difíceis, em que se incluem reduções orçamentais drásticas no sistema público, mantenho, ainda assim, uma convicção profunda de que Portugal é viável como parceiro igual na União Europeia. Sustento esta convicção no que conheço de nós próprios e do Mundo. Nós

não temos défice de capacidade individual. Temos conhecimento, atitude e capacidade de trabalho. Reconheçamos o défice relativo de organização e cultura coletivas que temos que superar. É bem claro que o sucesso individual só por si em nada garante o progresso sustentado de um povo. É a cultura de organização da sociedade, das suas instituições e empresas, particularmente a cultura de qualidade e de adaptação aos tempos, que faz a diferença.

E aqui reside a chave do futuro. Evolução cultural e organizacional em todas as suas dimensões. Saibamos antecipar esse futuro. Tenhamos a capacidade de ousar a mudança.

Se não formos capazes de perceber isso, não saímos disto.